

CENTENARIO
DO
Collegio Pedro II

Reminiscencias do Internato

POR

J. B. Paranhos da Silva



RIO DE JANEIRO
1938

FR
373.0981
S586c

CENTENARIO
DO
Collegio Pedro II

Reminiscencias do Internato

POR

J. B. Paranhos da Silva



FR
373.0981
S586c

RIO DE JANEIRO
1938

N.º sist.: 866683
Cód. barras: 866683-10

BN - ϕ

12/7/2018

g



16/07/18

g

*Secunditate seu Prodephus familia
affectum hominem in
opere et se reanqueimto
de 8/1/38*

Centenario do Collegio Pedro II

Reminiscencias do Internato

Em 1886, concluidos os meus estudos primarios, sob suas zelosas e immediatas vistas, minha Santa Mãe, primogenita do Visconde do Rio Branco (e que com seu irmão o barão do Rio Branco fôra secretaria particular de seu progenitor), D. Maria Luiza Paranhos da Silva, resolveu de accordo com meu bondoso Pae que fizesse eu meu curso de humanidades no Internato do Collegio Pedro II.

Por isso, em uma bella manhã do mez de fevereiro, depois de convenientemente orientado por ella da pragmatica a ser observada, dirigi-me ao Palacio do Imperador na Quinta da Boa Vista onde, após gentil acolhimento do Conde de Nioac, fui á presença do Magnanimo Imperador. Fortissima foi a minha emoção ante aquella imponente figura e radiante eu me retirei do Palacio levando á minha Santa Mãe a certeza de que estava attendido o seu desejo, conforme me declarara o Imperador, e que o fazia com prazer á vista dos relevantes serviços de meu avô, Visconde do Rio Branco, e dos que meu Pae prestára á Patria durante a campanha do Paraguay no 1.º Batalhão de Infantaria do Exercito Nacional. No dia immediato, conforme determinára Sua Majestade, procurei em sua residencia, pela manhã, o insigne brasileiro Barão de Cotegipe, Presidente do Conselho de Ministros, e á tarde, por ordem daquelle, e em companhia de minha Santa Mãe, em sua Secretaria, no então Largo do Rocio, o Barão de Mamoré, Ministro do Imperio.

No dia immediato, com a assistencia gratissima d'Aquella que era tudo para mim na vida, fazia eu no edificio da rua S. Francisco Xavier n. 11, onde hoje funciona o Collegio da Companhia de Santa Thereza de Jesus, a cargo de dignissimas monjas dessa veneranda Congregaçao, e onde estava instalado o Internato do Collegio Pedro II, o meu exame de admissao.

A' vista do resultado por mim exhibido, queria a direccao do Internato que fosse eu classificado no 2.º anno, mas minha Santa Mãe fez questao que eu me matriculasse no 1.º anno para seguir com absoluta regularidade todo o curso.

Dias depois, pela vez primeira, apartava-me do meu lar e me sentia em um meio bem agradavel mas mui diverso. Nas primeiras noites, confesso, era impossivel conter as lagrimas de saudades, saudade mais avivada após o termino dos labores quotidianos. E que alegria louca ao regressar á casa para mitigas, refreadas deante dos mestres e dos collegas!

Emfim, depois de algum tempo, com correspondencia certa ás terças, quartas, quintas e sextas, adaptei-me ao meio escolar perfeitamente bem. De facto, era impossivel desejar melhor; educando menos de duas centenas de alumnos, o Internato do Collegio Pedro II se achava esplendidamente localizado num confortavel predio dispondo de uma area de terreno que se estendia da rua Conde de Bomfim, esquina da de S. Francisco Xavier, até á actual rua Alfredo Pinto, então rua Club Athletico.

Sentia-me bem no instituto onde encontrava excellentes collegas, mestres de valor e pessoal administrativo digno e sollicito.

Já é notorio que o Collegio Pedro II, antigo Seminario de S. Joaquim, fôra inspiração e creação do extraordinario estadista Bernardo de Vasconcellos e se tornára, usando de uma expressao vulgar, a menina dos olhos do Magnanimo Imperador.

Internato e Externato funcionavam conjunctamente no edificio da rua Marechal Floriano, então rua Larga de S. Joaquim, sendo posteriormente o Internato localizado na bella vivenda onde o encontrei. A direccao dos dois estabelecimentos era distincta, como o bom senso indicava, e tambem o respectivo

corpo docente, embora a sua reuniao constituisse uma só Congregaçao. E que Congregaçao!

O curso de humanidades era distribuido em 7 annos, sendo o 1.º anno um verdadeiro traço de uniao entre o ensino primario e o secundario. No primeiro anno ensinavam-se portuguez, geographia, arithmetica pratica, desenho, musica, religiao e gymnastica. As tres primeiras disciplinas estavam a cargo do cathedratico, que no Internato era o dr. Carlos de Laet e no Externato o professor Olympio da Costa. Não havia turmas supplementares mas repetidores em algumas disciplinas.

Tambem não havia segunda epoca de exames. A reprovaçao em uma disciplina importava na repeticao do anno e segunda reprovaçao exclusao de matricula. Os repetentes só estavam isentos das disciplinas de que haviam prestado exame final com approvaçao.

A Congregaçao, dias antes dos exames, organizava os pontos para cada materia, pontos que comprehendiam integralmente o programma da disciplina.

Nos exames de sufficiencia não havia prova escripta. Os finaes eram realizados no Externato, reunidos os alumnos do respectivo curso de ambas as secçoes do Collegio e sob a presidencia dos reitores.

Jamais a elles faltou o Imperador, que chegava ás 9 horas da manhã ao Externato e saia ás 5 da tarde, acompanhando com interesse todos os actos. Nos concursos tambem a sua presenca era infallivel.

Fazia-se a vida escolar na melhor camaradagem dentro do reciproco respeito e cordial estima. Os alumnos no internato eram distribuidos, excepto para as aulas, em 4 divisoes, de accordo com a idade e o seu desenvolvimento physico, sendo a 4.ª divisao a inicial. Ingressei nesta tendo como inspector o sr. Francisco Daring, bacharel em letras diplomado em Paris e que nos auxiliava muito nos estudos. Sua austeridade era proverbial e os alumnos o acatavam muito. Durante todo o estudo, que á tarde ia das 5 ás 8 da noite, e pela manhã das 6 ás 8 da manhã, os seus olhos não se despregavam dos alumnos sendo inflexivel com os vadios.

Tinha uma alcunha cuja justificação jamais obtive — Chico Pedreiro. A's vezes, quando desfilava em fórma a divisão a caminho do recreio, ouvia-se, partindo dos maiores, rapido e incisivo, um grito: Chico Pedra!

Apezar de bem maneiroso sentia-se no rosto da victima a raiva concentrada, mas na turma ninguem pestanejava. Por falar em pestanejar, vem a pello dizer que o velho Daring tinha o habito de (cacoete exquisito) mexer de vez em quando com as orelhas piscando fortemente...

Era um bom homem, optimo auxiliar de disciplina. Vim encontral-o quando assumi a direcção do Internato, uma sombra do passado; até o appellido lhe haviam tirado!

Pobre Daring! Deus permittiu que, ainda como Director, eu lhe pudesse tributar as homenagens de que era digno. Os outros inspectores de alumnos eram: Salathiel Firmino Gonçalves da 3.^a, Francisco Maciel da 2.^a e Manoel de Andrade da 1.^a. Todos tinham tambem appellidos — Salathiel pela altura — Girafa, Maciel — Gato e Andrade — Cão. Os 3 primeiros não se incommodavam com as alcunhas mas o ultimo, si ouvia qualquer imitação de latido, ficava por conta... Além desses 4 inspectores, havia o substituto Sarmento.

De quatro em quatro dias folgava um inspector e assumia a inspecção o Sarmento. A entrada de Sarmento em serviço era perturbação certa da normalidade da disciplina: os malandros, que os havia, tiravam a forra e no dia seguinte as notas más constellavam as listas de aulas.

Naquelle tempo não havia grãos. As notas eram: optima, bôa, soffrivel e má. Alguns professores usavam bôa com e sem maiuscula e o mesmo com a soffrivel.

As punições em regra eram: privação de recreio e de saída e por excepção *a cajuá* (prisão em um quarto). Alguns inspectores punham de *pé* ou de *joelhos* os mais recalcitran-tes na perturbação do silencio do estudo, quando não os mandavam á presença do vice-reitor.

Aboli todos os castigos deprimentes quando assumi a direcção do Internato.

Para o effeito da privação de saída, o inspector communi-cava, por escripto, ao vice-reitor a relação dos de máo proce-

dimento. A privação de recreio cabia ao inspector. Com o Sarmento não havia nada disso, pois na sua immensa bondade elle organizava listas e mais listas, e, antes de passar a divisão a seu titular effectivo, inutilizava todas. O vice-reitor, por via de regra, tinha particular attenção sobre a divisão a cargo do Sarmento, indo mesmo ao banheiro para evitar os caldos formidaveis que tomavam os medrosos. Mas Sarmento era adorado pelos alumnos, indistinctamente.

As aulas de desenho e de musica eram outro elemento de perturbação por causa dos respectivos professores. Eram ministradas 3 vezes por semana as lições de desenho a cargo de 3 professores differentes:

Nery, Fabricio e Pinho. Do segundo eu me recordo apenas que era um typo perfeito de caboclo, mas dos outros 2 bem me lembro. Parece-me vel-os na cathedra. O Nery era um bom velho que usava oculos e era louco por corridas de cavallos. Mal elle distribuia os desenhos determinando o trabalho a ser feito, um grupo escovado mas geitoso cercava a mesa, apresentando o programma de corridas, dando informações sobre cavallos... O Nery esquecia tudo. Apaixonava-se, principalmente, si se tratava de uma corrida em que tomavam parte Phrynéa e Salvatus!...

Com o Pinho, a meu ver o melhor, ainda havia alguma ordem, mas um dia descobriram o fraco do velho por uma peixada, e como ás sextas-feiras, dia de sua aula, a peixada era certa, na discussão da que se preparava para o jantar voava uma bôa parte do tempo...

No pessoal administrativo os que se achavam mais em contacto com os alumnos, depois dos inspectores, eram o bebel e o porteiro. O bebel, o Machado, era alma bonissima, sempre alegre e bem disposto; satisfazia á curiosidade natural em que ficavamos para conhecer as notas que muitos professores lançavam nas listas mas sem proclamal-as. Deus permittiu que, Director do Internato, eu pudesse testemunhar-lhe bem significativamente a grande estima e sincera affeição que me mereceu sempre como de todos os meus collegas.

Typo interessante era o porteiro: o Costa. Já algo envelhecido, o rosto bastante enrugado, de bonet preto á cabeça, no

inverno, o Costa fiscalizava a entrada e a saída dos alumnos. A saída tinhamos de entregar-lhe um cartão com o *Exeat* firmado pelo vice-director, e á entrada era obrigatoria a assignatura no livro especial a esse fim destinado. A entrada se fazia sempre aos domingos até 8 horas da noite, para haver tempo ao preparo das lições de segunda-feira. Só os do 7.º e 6.º annos, em regra, voltavam ás segundas-feiras cedo. Saída extraordinaria era caso raro, especialissimo. Mas o Costa, o Costinha, além dessa incumbencia, tinha a seu cargo guardar os biscoitos, doces e outras guloseimas não prejudiciaes que os alumnos traziam para a semana. No recreio, pela manhã, ou á tarde, iam os interessados buscar com o Costinha as sua gulodices e excusado será dizer que a repartição era fraternamente feita entre os companheiros. Succedia, porém, quasi sempre que ás primeiras visitas dos interessados o Costinha attendia solícito.

Mas, depois da terceira ou quarta vez, raro era o contemplado. Aos protestos justificados do depositante, o Costinha se desculpava sempre dizendo: «os camondongos comeu»...

Dahi resultou-lhe o appellido, que o irritava ainda mais quando a phrase era completa: *seu Costa, os camondongos comeu*.

E o Costa deblaterava ameaçando de queixa ao vice-director. Mas era um bom homem o Costinha! Todos o queriam e lhe achavam muita graça sempre!

Assim como enumerei as penalidades, assignalarei as recompensas: boas notas, bancos de honra, premios concedidos em sessão solenne que se realizava sob a presidencia do Imperador no salão de honra do Externato e quadro de honra. Jamais houve uma só expulsão de alumno! Apenas uma triste occurrencia se verificou: o suicidio de um collega, talvez o mais distincto na aula de desenho e que commoveu sinceramente e profundamente todo o Collegio. Foi meu companheiro e bom e era o mais alegre da turma. Paz á sua alma! E o triste facto occorreu quando já o Collegio funcionava no actual edificio do Campo de São Christovam, para onde fôra transferido, em 1887.

Foi innegavelmente um acto errado: deslocar o Internato de um prédio que podia ser ampliado facilmente, dispondo de

magnifico terreno, transferindo-o de um logar saluberrimo para um arrabalde onde o calor é temivel e os meios de communição são inferiores.

A aula de musica, embora aproveitassemos com o exacto conhecimento de toda a theoria musical elementar, erá uma fonte perturbadora porque o seu docente, o sr. Cunha, nunca soube se adaptar bem aos seus discentes. E o peor era quando chegava a festa annual do Collegio, a festa de São Joaquim, em que tinha de ser organizado um corpo coral para cantar na missa solenne. O Cunha via-se louco e dava um bom trabalho á administração.

Em compennsação, tinhamos a aula de religião no Internato, confiada a um santo monge beneditino, frei Bento da Trindade Cortez. Suas aulas emulavam em bondade com as do professor Laet, ambos justamente idolatrados pelos seus discentes, pelo saber e pela bondade.

Frei Bento não dispensava a sua pitadinha de bom rapé: e a furto, de quando em vez, sorvia uma na sua bella boceta de tartaruga, com um monogramma de ouro. Mas, realmente, o corpo docente era de escol, basta citar-lhe os nomes: Carlos de Laet, Fausto Barreto, Oliveira Fernandes, Fortunato Duarte, Francisco José Xavier, Joaquim Guillon, João Ribeiro, Oliveira Menezes, Conselheiro Joaquim Monteiro Caminhoá, Said Ali, Vicente de Souza, Sylvio Romero, Velho da Silva, Coelho Lisboa, Carlos França, Henrique de Noronha, Barão de Tautpheus Mattoso Maia, Meschick, Guilherme Affonso e outros.

Fortunato Duarte, o emerito latinista, por sua elegancia e por seu aplomb tinha o appellido de «Catita». Em contraste, embora sempre com excellente apresentação, Oliveira Fernandes, cathedratico de francez, engenheiro militar reformado, era conhecido pela autonomasia de «Macacão», que o irritava sobremaneira. Procurava imitar o velho Halbout, cathedratico do Externato, exigindo de cór a grammatica da autoria deste. De quando em vez, fazendo o que elle chamava uma caçada, os vadios padeciam, porque eram chamados á lição e Oliveira Fernandes desenhava caprichosamente um M. bem assignalado na lista. Quando dava uma nota má, Oliveira Fernandes exclamava: «Não sabe a lição?? Chucha, maroto!»

Era seu habito, como aliás da maioria, collocar nas carteiras da frente os alumnos do banco de honra para a corrigenda immediata dos que erravam nas lições. Os bancos de honra correspondiam, em concursos trimestraes, ás 6 melhores provas escriptas. Quem tivesse media soffrivel não podia lograr banco de honra.

A aula de rethorica e poetica de Velho da Silva, aliás por todos acatado, dava ensejo a mais um recreio extraordinario para a turma. Velho da Silva pouco via, de sorte que ficavam apenas uns tres ou quatro na sala respondendo por todos á chamada inicial das aulas, e um dava a lição pelo que havia sido chamado. Mas um dia o vice-reitor descobriu a brincadeira e o caso tomou outro aspecto...

O barão de Tautpheus usava sempre uma casquete e não tirava o charuto da boca. Verdadeira veneração tributavam-lhe os estudantes.

Sylvio Romero era queridissimo como João Ribeiro, Fausto Barreto e Coelho Lisboa.

Carlos França tinha a alcunha de *Cacete* e, realmente, embora conhecendo bem literatura e ensinando bem, tornava-se massante pela prolixidade... Era a delicadeza em pessoa, entretanto. Conta-se que uma vez, tendo deixado de ir á casa de um amigo cumprimental-o pelo seu natalicio, ás 2 horas da madrugada lembrou-se dessa falta involuntaria e foi bater-lhe á porta para pedir excusas. Recebido delicadamente explicou a razão do seu acto, mas, quando terminou a conversa, já raiava o dia...

Com a festa de São Joaquim havia o baptismo dos calouros que então passavam a veteranos depois de algumas troças inoffensivas.

Sucedendo ao Cons. Antonio Henriques Leal, assumiu a Reitoria do Internato o dr. Aureliano Pimentel, varão austero e erudito philologo, continuando na vice-reitoria o bacharel Luiz Candido Paranhos de Macedo.

Embora a disciplina fosse muito bem cuidada pelo vice-reitor, o dr. Aureliano Pimentel tinha o habito de, á noite, passar em revista os dormitórios. Succedia, porém, que, encontrando qualquer alumno descoberto, ao envés de se limitar

a pôr sobre elle o lençol e a colcha, acordava-o para fazer-lhe sentir a necessidade de assim proceder.

Isso contrariava muitos que, assim despertados subitamente, custavam a conciliar o somno novamente.

Pondo um termo a essa impertinencia do respeitavel educador, os alumnos maiores, combinados, uma noite, ao presentirem a presença do reitor puzeram ás escuras o dormitorio e a verdade é que não se repetiram as visitas noturnas. Ao certo não se divulgou o occorrido, mas a caféa recebeu varios visitantes e o numero de privações de saida avultou naquella semana.

O vice-reitor Paranhos de Macedo era então muito querido dos alumnos, fazendo-se respeitar e estimar, porque os auxiliava muito no preparo das lições.

Ao illustre professor dr. Aureliano Pimentel, succedeu na Reitoria o Conselheiro João Capistrano Bandeira de Mello, professor jubilado da Faculdade de Direito de Recife. Sua administração occorreu sem incidentes de maior vulto, a não ser o inesperado suicidio de inditoso collega da minha turma (e sobre o qual correram as mais descontraidas versões), até que se proclamou a Republica. Ferrenho monarchista, o Conselheiro Capistrano não via com bons olhos a infiltração republicana, que já se fazia sentir em 89 e que se accentuou por alguma forma na visita feita ao Collegio pelo Commandante Bannen, chefe da esquadra chilena que aqui aportára e assistiu accidentalmente á metamorphose das nossas instituições.

O certo é que, pouco depois do advento do novo regimen, a proposito da absurda redução na merenda dos alumnos, e ausente do Collegio o vice-director, houve estrepitosa manifestação de desagrado, que redundou na exoneração do Reitor e na elevação ao Reitorado do vice-reitor Macedo.

Tambem foi curta a administração deste na reitoria, pois no anno immediato foi provido na vice-reitoria o professor Epiphanio José dos Reis, um pardavasco corpulento, antipathic e mui despota em seus minimos actos; creou-se desagradavel ambiente no meio escolar.

E, porque o Reitor não concordasse com os seus tyrânicos processos disciplinares, Epiphânio, por meios não divulgados, depois de uma ausencia de 48 horas, surgiu á noite no Internato com a exoneração do Reitor, seu provimento interino no cargo e a absurda expulsão de cinco collegas, meus companheiros do 6.º anno. Quando nos recolhemos aos dormitórios tudo ignoravamos, mas, ao despontar do dia, o inspector Olivio Fernandes do Nascimento Rosas, ex-alumno da Escola Militar e muito bemquisto, despertou-me dando sciencia do que occorrera pelo gráo de estima e de apreço que gosava eu entre os meus bons condiscipulos. Preparei-me rapidamente e, reunindo todos os alumnos do 6.º anno, depois os inspectores sem excepção, accordamos no mais significativo dos protestos.

Todo o corpo discente e administrativo adheriu e scientificamos ao novo reitor que lhe não reconheciamos autoridade alguma. Recorreu elle á policia, — que compareceu mas nada fez por não ser posta em pratica violencia alguma. A's 9 horas chegava o reitor cavilosamente exonerado e que recebeu a mais calorosa homenagem do Collegio. Pouco depois, vinham os professores Fortunato Duarte e Henrique de Noronha que applaudiram, como os demais que chegavam, o gesto dos estudantes, firmando-se plena solidariedade entre o corpo docente e o discente.

Mas, em tudo ha um lado comico: resolvidos a pedirmos uma providencia ao grande Marechal Deodoro resultou que, na pressa com que nos uniformizamos houve troca de uniformes... e ficaram alguns grotescamente vestidos com a farda dos outros.

O grande Marechal nos recebeu com a bondade que lhe era peculiar e nos mandou ao ministro da Instrucção, dr. João Barbalho.

Para encurtar o caso: ganhamos a partida, embora o reitor não fosse reintegrado.

Cancellaram-se as expulsões impostas, demittiu-se Epiphânio Reis, e surgiu na reitoria um filho da casa, Alfredo Piragibe, medico e bacharel em letras, symbolo do amor e da bondade paternaes. Foi a resurreição do Collegio. Ao regime

da violencia succedeu o da doçura sem par. Teve ao seu lado como disciplniador sensato um velhinho forte e immensamente sympathico o dr. Guilherme José Teixeira, um typo de Bismarck...

Com que saudade immensa o relembramos! Piragibe não se limitou ao Internato. Com Rego Cesar, Paranhos Pederneiras, Anastacio Bomsuccesso e Theodoro Magalhães resuscitou o Instituto dos Bachareis em Letras, sob a presidencia do velho fabulista Anastacio Bomsuccesso!

Ali fulguraram Lima Drumond, Fernando Magalhães, Theodoro Magalhães, Raul Pederneiras, Abreu Fialho, entre muitos outros e, graças ao esforço do incansavel e insubstituivel Theodoro Magalhães, fez-se a 2 de dezembro de 1902, a commemoração do 65º anniversario da fundação do Collegio presidindo á sessão o dr. Busch Varella, então unico sobrevivente da primeira turma de bachareis do Collegio, e pouco depois fallecido.

Como o Externato, o Internato forneceu ás letras, ao jornalismo, ao magisterio, á politica, ás forças armadas, á diplomacia e á administração pujante pleiade, porque no Collegio Pedro II o estudo era uma realidade e a nobre emulação um facto. Dentre os meus contemporaneos no Internato, entre outros, posso citar alguns que dispensam qualquer qualificativo: Achilles Lisboa, Achilles Mariano de Azevedo, Alberto Flores, Amarilio de Vesconcellos, Alvaro de Andrade, Arthur Lins, Alvaro Rocha Pereira da Silva, Alberto Vieira da Cunha, Aureliano Amaral, Ariovisto de Almeida Rego, Antonio de Abreu e Silva, Alfredo Reginaldo Teixeira, Alvaro Heck, Alipio Pereira, da Costa, Arlindo Pinto Duarte, Alberto Vieira de Mesquita, Augusto e Affonso Henrique Corrêa de Sá, Benjamin Constant Botelho de Magalhães Filho, Caio de Campos Valladares, Cleantho Jiquiriçá, Conrado Jacob de Niemeyer, Carlos Americo dos Reis, Carlos Novaes, Carlos Lessa, Custodio Lustosa, Ernesto de Werna Magalhães, Eusebio de Queiroz, Franklin de Toledo Dods-worth, Fernando de Freitas Filho, Francisco Granadeiro Guimarães, Francisco Pinheiro Guimarães, Floriano Corrêa de Brito, Francisco Dias Ribeiro, Francisco de Andrade Figuei-

ra, Francisco José Xavier Filho, Fernando Pires de Castro, Francisco de Campos Valladares, Gitahy Alencastro, Gustavo Moncorvo Bandeira de Mello, Honorio de Araujo Maia, Horacio Rebello de Vasconcellos, Henrique d'Avila Junior, Henrique Cesar de Oliveira Costa, Isidro Pereira da Silva, Jayme Vieira de Mesquita, Julio Salusse, Julio Zamith, Jeronymo Baptista Pereira, João Pedro Belfort Vieira, José Carneiro Pestana de Aguiar, João Baptista da Silva Pereira, José Ferreira Piragibe, Joaquim Osorio Duque Estrada, João Evangelista de Figueiredo Lima, José Carlos Simões da Silva, José Thomaz Nabuco de Gouveia, José Tavares Bastos Netto, João Ribeiro, José Florimundo de Paula e Silva, José Maria Moreira Senra, James Darcy, Jonathas Nunes Pereira, Joaquim Francisco dos Reis, José Mattoso, Julio Soares de Andréa, João Aurelio Ortegal Barbosa, José Candido de Araujo, Joaquim Antonio Lopes Lemos, Luiz Marcolino Fragoso, Luiz Morethzon Barbosa, Luiz de Paula, Luiz Lisboa da Silva Rosas, Manoel Alvares de Azevedo Sobrinho, Mario Ferreira Piragibe, Mario de Alencar, Mario Dias, Mario de Paula, Mathias de Oliveira Roxo, Oscar Moncorvo Bandeira de Mello Odilon de Araujo Leite, Optaciano Ribeiro, Pedro Penna, Raul da Silva Autran, Raul do Amaral, Raymundo Magno da Silva, Sylvic Bevilacqua, Torquato Vieira de Mesquita, Urbano Garcia, Vicente Ferreira Piragibe, Waldemar Manhães Peixoto, Washington Luis Pereira de Souza.

Quinze annos depois do meu bacharelado em letras coube-me a honra de ser o director do Internato, nomeado pelo presidente Affonso Penna, por espontanea indicação de meu idolatrado tio barão do Rio Branco, e mantido nesse cargo por seu successor presidente Nilo Peçanha.

Faço esta referencia para assignalar tão sómente que a ambos esses presidentes, como aos seus dignos ministros drs. Tavares de Lyra e Esmeraldino Bandeira, deve o Internato uteis e relevantes serviços, que fôra fastidioso enumerar.

O ministro dr. Affonso Penna Junior, por iniciativa do professor Rocha Vaz, então director do Departamento Nacional do Ensino, fez completar o trabalho iniciado por seu respeitavel progenitor e proseguido na presidencia Nilo Peçanha.

Não pôde nem deve ser olvidado o Marechal Floriano Peixoto que fez restabelecer o Internato, absurdamente transformado em 2.º Externato por impensado acto do Congresso Nacional. São elles verdadeiros benemeritos do Collegio Pedro II, que não podem ser olvidados quando se commemora o seu glorioso centenário.

Ufano-me em assignalar, no que mais não fiz aliás que o cumprimento de um dever, em haver sido eu o Director que, em documento official (relatorio de 1907 apresentado ao ministro dr. Tavares de Lyra) reclamou a restituição ao Collegio do nome de Pedro II, acto que foi feito pelo presidente Nilo Peçanha sob caloroso applauso do Barão do Rio Branco.

A Justiça de Deus é infallivel, e muita vez faz dos humildes os seus arautos. Foi para mim grande jubilo o dia em que assim procedeu o governo da Republica, fazendo justiça A'quelle que foi o maior amigo da instituição e que com ella tinha identificado não só o seu nome impolluto mas todo o seu coração de brasileiro e de patriota.

Bem dita seja sua memoria!

J. B. Paranhos da Silva.





